

A representação da mulher letrada no Brasil oitocentista: a biografia de Beatriz Brandão pelo intelectual Joaquim Norberto

The representation of literate women in nineteenth-century Brazil: the biography of Beatriz Brandão by intellectual Joaquim Norberto

Laura Oliveira Motta¹

Resumo: Este artigo visa refletir sobre as representações da atuação intelectual feminina no contexto do Brasil oitocentista. Para isso, destacamos a influência do letrado Joaquim Norberto de Souza e Silva e sua contribuição tanto para a expansão da participação feminina na formação nacional literária brasileira do século XIX, como para o reforço de padrões morais que o mesmo acreditava serem adequados à instrução feminina. Neste percurso, resgatamos a biografia da poetisa brasileira Beatriz Francisca de Assis Brandão escrita pelo autor e publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)* em 1893, como referencial para análise dos juízos empregados por Joaquim Norberto. Pois, além de expressar valores normativos da época, contribuíram para resgatar uma parte, ainda que pequena, de memória da literatura feminina.

Palavras-chave: Beatriz Brandão; Biografia; Letramento Feminino

Abstract: This article aims to reflect on the representations of female intellectual performance in the context of nineteenth century Brazil. To this end, he emphasized the influence of Joaquim Norberto de Souza e Silva and his contribution to the expansion of female participation in the Brazilian national literature formation of the 19th century, as well as to the reinforcement of moral standards or the same considered masculine in female practice. In this course, we retrieve the biography of Brazilian poet Beatriz Francisca de Assis Brandão written by the author and published in the Journal of the Brazilian Historical and Geographic Institute (IHGB) in 1893, as a reference for the analysis of Joaquim Norberto's valuation judgments. Well, besides demonstrating normative values of the time, they contributed to recover a small part of the memory of female literature.

Keywords: Beatriz Brandão; Biography; Women's literacy

Introdução

O século XIX é um período fundamental para se compreender a organização social e a identidade brasileira. Entender a construção de um discurso nacional tomado como “oficial” parte, sobretudo, do reconhecimento da produção de uma elite intelectualizada formada por letrados. Tal perspectiva aponta a importância desse grupo ao portarem a missão de direcionar

¹ Mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com a pesquisa: Entre a ordem e o medo: a utilização da Guarda Nacional no policiamento na cidade do Rio de Janeiro(1831-1835). Atuou como bolsista PIBID / CAPES. Membro participante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos da Política e História Social, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dentre seus principais campos de estudo estão: História do Brasil Império, Construção da Cidadania, Historiografia e Biografia.

e definir os contornos da nação brasileira e a construção de uma unidade nacional. Assim, uma categoria importante utilizada por esses intelectuais, para consolidar a noção de memória na sociedade brasileira do século XIX foi através do uso da escrita biográfica. As produções biográficas desse período consistiam em atividades de elaboração e constituição de histórias de vida, que representavam valores morais singulares de um povo. Logo, essa literatura adquire enorme prestígio e opera como importante forma pedagógica, uma vez que deveriam fincar-se como modelos e virtudes, “através da eleição de ‘grandes vultos’ históricos, consolidando assim uma cultura autônoma da qual pudéssemos nos orgulhar.” (BUARQUE, 1990, p.1)

De acordo com Maria da Glória de Oliveira (2010), a escrita biográfica se refere à função de “fixar a memória das vidas e feitos dos grandes homens.” A autora elucida que a produção dessas figurações biográficas está relacionada, no Brasil, especialmente à função dos letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os quais na elaboração do projeto historiográfico nacional perceberam nos discursos biográficos, a possibilidade de determinar e propagar valores coletivos que deveriam ser exaltados.

Um autor que colaborou com o desenvolvimento desse estilo de escrita foi Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A Revista do IHGB figurou parte importante do seu trabalho e representações biográficas. Norberto chegou a ocupar na associação o posto de presidente, e é considerado um dos grandes literatos brasileiros do século XIX.²

Joaquim Norberto e outros intelectuais imbuídos de projetos biográficos analisaram demandas relacionadas tanto às percepções políticas do período, como relacionada intrinsecamente ao “contexto de disciplinarização da pesquisa histórica no decurso dos oitocentos” (OLIVEIRA, 2010, p.288). Ou seja, relacionam-se ao estabelecimento de exemplos e o que podia ser utilizado como forma de modelo e conduta moral. Dentro do IHGB, ao longo do século XIX, o tema da história como fornecedora de exemplos a serem imitados acompanhava o regime de historicidade, no qual o acento referencial no passado constituía-se em razão explicativa do presente, e perspectiva orientadora para o futuro.

Assim nesse contexto, no ano de 1893, Joaquim Norberto publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a biografia de Beatriz Francisca de Assis

² As informações biográficas expostas nas páginas seguintes foram extraídas de SENNA, Janaína. Um capítulo à parte: Joaquim Norberto e a escrita da história da literatura brasileira. *Revista Escritos*. v.2, n.2, p. 397-414, 2008. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero02/FCRB_Escritos_2_18_Janaina_Senna.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019;

Brandão, poetisa e escritora mineira do período oitocentista. Anos antes, porém o autor já tinha manifestado apreço pela obra e trajetória da poetisa, a indicando para o quadro de sócios do IHGB. Iniciativa inédita e representativa, pois a instituição figurava como um espaço predominantemente masculino.

Podemos considerar como um dos fatores de destaque dado por Joaquim Norberto a vida e obra de Beatriz Brandão, a importância e o incentivo que o letrado dava às artes e as produções de autoria feminina. Na concepção de Norberto, um país civilizado está diretamente ligado à luz da ilustração e da erudição e a valorização da figura feminina serviria como um modo de educar e instruir tanto as mulheres de sua época como as demais gerações.

Nação de ontem, o Brasil já escreve a sua história, já tem os seus heróis, que enumeram gloriosas batalhas, que apontam os lugares de suas vitórias; já possui a sua literatura, ao princípio pálida cópia, depois elegante imitação, e por fim originalidade; já conta seus artistas, de não pequena nomeada, já mostra seus homens científicos com sua reputação europeia. (...) Pede à justiça que tiremos à luz ações gloriosas, que levem ao conhecimento do mundo as senhoras que as praticaram. Elas devem ocupar o mesmo distinto lugar que ocupam os varões afamados por letras, armas e virtudes. (SILVA, 1862, p.1)

Cabe-nos, então, uma análise de como o autor buscou executar uma ação pedagógica referente ao papel das mulheres. Ou seja, observar o modo pelo qual as mulheres são representadas, e quais são as estratégias textuais utilizadas para apresentá-las através da biografia de Beatriz Brandão publicada em 1893.

A mulher como elemento de educação na identidade literária nacional e os limites do transitar social

Especialmente sobre as representações femininas em sua produção, encontra-se uma justificativa para a atuação de Joaquim Norberto como percussor da designação histórica às mulheres brasileiras. Na folha de rosto de *Brasileiras Célebres*, o autor transmitiu seu pensamento citando palavras do Marquês de Maricá: “Pode-se avaliar a civilização de um povo pela atenção, decência e consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas” (Silva, 1862, p.2). O autor foi pioneiro em biografar senhoras na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e um dos poucos que destaca indistintamente homens e mulheres na instituição reguladora da memória nacional.

Sua trajetória prestigiosa no Instituto nos ajuda a compreender até mesmo a liberdade que tinha em enaltecer figuras femininas. Integrou o quadro de sócios do IHGB cedo, aos 21 anos, “pelas mãos do cônego Januário Barbosa”, admitido inicialmente como sócio

correspondente, passando a efetivo, honorário, depois, suplente de secretário, secretário, vice-presidente, até chegar ao cargo de presidente da prestigiosa instituição de 1887 a 1891.

É importante salientar que como pioneiro no gênero biográfico feminino, Joaquim Norberto precisou superar alguns problemas densos e concretos em suas obras. Segundo a autora Heloísa Buarque de Hollanda era preciso reunir e delimitar o próprio sentido do que se considerava ser “brasileira”:

Analizando as obras dos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil durante o século XIX, temos um quadro curioso da expressiva e sintomática indefinição do que seria a brasileira. Charles Expilly, por exemplo, comenta o fato de não serem consideradas nem se considerarem mulheres brasileiras, todas as mulheres que habitavam terras do Brasil e que, em alguns casos, as escravas nem sequer eram consideradas mulheres (...) Observa-se ainda que para os letrados brasileiros do grupo dirigente, a brasileira era a branca que se comunicava em português, com família fixada no país há umas quatro gerações. (HOLLANDA, 1990, p.1)

Logo, podemos perceber que tais categorias de análise evidenciadas por Norberto baseavam-se numa perspectiva fundamentalmente dependente dos pontos de vista étnicos, políticos e, sobretudo, sociais. Como expõe Hollanda, era preciso, apesar de tais dificuldades de categorização, circunscrever os atos e feitos das mulheres escolhidas por Joaquim Norberto, baseados nas missões domésticas, religiosas e artísticas, e relacionar tais características de forma intrínseca aos sentimentos e preocupações nacionalistas.

Assim, o autor faz um exercício classificatório, que levou em conta o poder de articulação como constitutivo da cultura de um grupo e organizador de uma sociedade, isto é, eram conceitos, ideias, interesses e valores elaborados por um intelectual que se relacionavam a seu lugar de fala e sua visão de mundo. Portanto, a representação feminina vem com a perspectiva da própria formação e intenção do autor em sua classificação.

Na análise das considerações biográficas femininas de Norberto, aparece de forma central a sua ação pedagógica, ou seja, ensinar e admoestar sobre o que deveria ser padrões de conduta do “ser brasileira”. Neste sentido, a reflexão preliminar dos seus trabalhos, assim como de outros da mesma categoria biográfica, insere-se na tarefa de reforçar certas ações de conduta, pois ele é voltado à educação das moças, redigido para que fosse adotado nas escolas femininas.

O movimento expresso pelo texto de Norberto ao organizar uma história para esta “nação de ontem”, escrita através de batalhas, heróis, artistas, literatos, juristas e “edifícios monumentais”, pretendia enaltecer finalmente, os feitos exemplares de algumas mulheres “que se tornaram célebres”. Estas que no sistema simbólico desenvolvido em função do projeto da formação nacional, ocupariam um lugar bastante específico, e talvez, mais amplo

do que o dos homens. O que parece importante verificar é a natureza deste lugar ocupado por elas e sua força na constituição da subjetividade feminina no século XIX.

Assim, é importante considerar as perspectivas de Hollanda sobre a posição de Norberto em seu contexto histórico, e seu objetivo na elaboração de seu dicionário:

Em princípio, segundo os propósitos de Joaquim Norberto explicitados na apresentação de *Brasileiras Célebres*, era apresentar um “ramalhete de flores colhidas em nosso jardimoso país”, ainda que “enrançadas sem arte, sem gosto” não por defeito das flores em si, mas de suas “mãos que não souberam dispô-las tirando partido da vaidade de seus matizes”. Desculpando-se pelo mau jeito, Norberto finaliza enfatizando o sentimento que alimentou a realização do livro: “escrevi-o sentindo arder-me no puro amor da pátria, tendo por culto a verdade e por único livro o Brasil! (HOLLANDA, 1990, p.2)

Podemos identificar então, que perante a elaboração do trabalho por Norberto, o mesmo indica a sua admiração e apreço às mulheres, porém enfatiza também a sua relativa falta de domínio do assunto. O que não o impediu de empreender a tarefa pela convicção que o inspirava, isto é, a importância da disseminação dos sentimentos patrióticos pelos indivíduos nacionais ilustres, homens ou mulheres, em um momento crucial para definição dos contornos da identidade nacional.

Especificamente sobre as mulheres, para figurar nos escritos de Joaquim Norberto foram escolhidas personalidades femininas com características específicas que se enquadravam em modelos exemplares de conduta, ressaltando valores necessários para se forjar a nova nação brasileira. Essas mulheres deveriam ser “dignas”. O importante, no entanto, são as qualidades exaltadas pelo autor para que as mulheres pudessem gozar de tal adjetivo. O dom da escrita, para a categoria feminina abastadas era uma delas.

Tanto em sua coletânea, com diversas mulheres tidas como notáveis intitulada *Brasileira Célebre* em 1862, como na biografia, também realizada pelo autor, da poetisa Beatriz Brandão para *Revista do IHGB* em 1893, foram exaltadas escritoras, sobretudo, patrióticas. Estas portavam para o autor as qualidades de “gênio e glória”. Beatriz Brandão, como o próprio Norberto apontou, estava inclusa na categoria que contava ainda com outras poetisas importantes do período, como as poetisas Angela do Amaral e Delfina da Cunha.

Nascida na freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, Minas Gerais, Beatriz Brandão foi poetisa, educadora, musicista, tradutora de poesias italianas e francesas. Os dados que dizem respeito à sua biografia, até hoje, não foram coletados de forma precisa, o que gera inúmeras dúvidas, a começar por sua data de nascimento, que alguns escritores registram

como 29 de julho de 1779.³ A poetisa viveu por 89 anos, falecendo em 5 de março de 1868. Com uma vida dedicada ao mundo das letras.

Joaquim Norberto ao narrar a história de Beatriz Brandão, descreve que a poetisa portava um dom. O autor evidencia que o talento de Beatriz Brandão sobrepôs os obstáculos que poderiam ser colocados ao reconhecimento do trabalho literário da poetisa, inclusive o descontentamento de seus pais:

Francisco Sanches Brandão e a sua esposa dona Izabel Feliciano Narcisa de Seixas atuaram de tal modo sobre seus ânimos que eles procuraram por todos os meios a seu alcance contrariar a natural vocação de sua filha e impedir os voos de sua imaginação. Limitaram, pois os seus conhecimentos literários o mais possível ao ensino rudimentar. (...) Era tudo inútil! Não se contrariam vocações, que são dotes naturais, como se não pode estorvar caudalosas torrentes. (SILVA, 1893, p.60)

Podemos perceber que no caminho pouco percorrido por mulheres, Beatriz Brandão, ainda que de forma sutil, ganhava destaque e em sua poesia, incentivava outras mulheres a também trilhar pela vertente da literatura: “amadas nacionais, sirvam de empenho a talentos que o vulgo desconhece” (SILVA, 1893, p. 69). Joaquim Norberto ressalta tal posicionamento nos versos da poetisa: “oferecendo às suas patricias as suas composições, convidando-as a cultivar poesia e a enriquecer a literatura nacional com brilhantes produções” (SILVA, 1893, p.61).

Se considerarmos o engajamento com a obra e história de Beatriz Brandão entendendo que mesmo imbuído de um propósito, o intento de Joaquim Norberto nessa promoção das mulheres letradas na vida pública pode ser considerado, de certa forma, sincero. Se olharmos através da coletânea de biografias que o autor compôs ao longo de sua carreira, percebemos o seu interesse em explicitar suas próprias ideias e heroínas, bem como desenvolver um terreno promissor para a escrita de suas histórias e experiências particulares.

Ao fazer parte do IHGB, Norberto passa a circular num espaço privilegiado da produção historiográfica no Brasil, vinculado por profunda marca elitista, na qual os membros admitidos eram escolhidos e eleitos por critérios sociais e pessoais. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era síntese da mais importante categoria de fomento intelectual, com personalidades da elite brasileira, literatos e intelectuais, que tinham por meta o projeto de conferir uma gênese à Nação brasileira. Os membros do instituto “reuniam-se nas

³ Como não existia, na época de seu nascimento, certidão que o atestasse, o que se pode afirmar é que, em 12 de agosto de 1779, a poetisa foi batizada na igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Ver: PEREIRA, Claudia Gomes Dias da Costa. *Contestado Fruto: A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*. 2009. 518 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP7YMPDA>>. Acesso em: 04 jun. 2019. p. 70.

dependências do Paço Imperial, com a presença de d. Pedro II, para propor temas e ler trabalhos”, uma vez que, desde a sua fundação, em 21 de outubro de 1838, o IHGB colocava-se sob a proteção do Imperador. Isso significava que a instituição dependia da ajuda financeira do trono e que seus membros deveriam reverenciar os integrantes da família real em ocasiões solenes, fossem festivas ou de luto.

Esse caminho, de exaltação ao nacionalismo literário indistinto de gênero leva Joaquim Norberto, em 25 de outubro de 1850, a propor juntamente com os membros, João José de Sousa Silva Rio e Luís Antônio de Castro, que Beatriz Brandão seja aceita como membro do Instituto. A proposta foi publicada na Revista do IHGB:

Propomos que o Instituto Histórico e Geográfico, como ilustre representante do movimento e progresso das letras no novo mundo, honre o talento e o mérito das senhoras brasileiras na pessoa da Illma. Sra D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, distinta poetiza, já conhecida e estimada nos círculos literários pelas suas composições, admitindo-a na classe de seus membros honorários, para incentivo estímulo às nossas patrícias receosas de se darem à cultura das letras e a contar os preconceitos da nossa velha educação publicando as produções de seu espírito. (REVISTA IHGB, 1850, p. 520-521)

O reconhecimento de Beatriz Brandão e a sua indicação para o quadro de sócios do IHGB, já em 1850, indica, mesmo de forma singular, o esforço por Norberto da inserção feminina na esfera pública e principalmente em meio a uma categoria importante de letrados. Contudo, a análise do parecer com a resposta da proposta nos mostra muito mais esclarecedora sobre o que de fato era a situação feminina na sociedade oitocentista. Como podemos ver no texto abaixo:

A comissão encarregada de dar um parecer sobre a proposta, que apresenta, para ser admitida na classe dos membros honorários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Ilma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, compreendendo também que muito se faz necessário criar incentivos às nossas patrícias receosas de se dar ao cultivo das letras, muito aplaudiu o generoso pensamento dos ilustres signatários da proposta, e examinando maduramente os Estatutos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Consequentemente, a comissão seria de parecer que a proposta fosse pelo Instituto aprovada, se outras considerações não a movessem a julgar mais conveniente que, por ora, se não delibere a respeito de sua matéria. (...) com a mais viva satisfação declara, que *não se pode* legalmente disputar às senhoras o direito de fazer parte desta importante associação. (REVISTA IHGB, 1850, p. 530-531)

O parecer seguiu ainda com alguns outros detalhes que tentavam justificar a recusa mesmo reconhecendo “dona Beatriz Francisca de Assis Brandão como distinta poetisa brasileira”. Um dos pontos de justificativa era a insuficiência de provas públicas, material publicado em imprensa pela autora. Pois, o que se atestava a composição poética de Beatriz Brandão eram apenas os “testemunhos dos ilustres proponentes”. Outro ponto baseava-se no

argumento de que a obra de Beatriz Brandão, uma composição poética, era incompatível com os fins da instituição, “deveria a autora ser recebida como ornamento de uma sociedade literária, cujos fins não estejam limitados à história e à geografia.” (REVISTA IHGB, 1850, p. 531)

No lugar da esperada transformação da posição da mulher, que, apressadamente, as obras de Norberto e até mesmo suas ações de inclusão da presença feminina poderia sugerir, o que se evidencia, na realidade, é a reforço desta posição. Apesar de reconhecerem os méritos poéticos e intelectuais de Beatriz Brandão, seria difícil conceber que ela almejasse um lugar numa sociedade eminentemente composta por pessoas do sexo masculino. O acesso à mulher ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, só foi possível em 1965. Na Academia Brasileira de Letras apenas em 1977. (VASCONCELOS, 2013, p.9)

Podemos observar, ainda hoje nas inúmeras pesquisas, o sentimento de exclusão para produção literária feminina oitocentista. Assim como Beatriz Brandão, outras importantes letradas não adquiriram o merecido espaço profissional naquele contexto histórico, e figuram como mais uma entre tantas desconhecidas intelectuais femininas. Parte desse processo está associada justamente às atitudes pedagógicas, que orientam os dicionários e biografias realizados em sua maioria por homens, onde procuravam formar a subjetividade feminina “moderna” no sentido da preservação dos papéis tradicionais, vinculados diretamente à família, à virtude, reforçado como papel histórico feminino na formação nacional.

Beatriz Brandão: apontamentos biográficos de uma vida singular

A atuação das mulheres no mundo das letras era um espaço restrito. A construção de um pensamento intelectual no Brasil oitocentista estava atrelada a homens letrados. Michele Perrot aponta que, no século XIX, o aspecto predominante estabelecia aos homens, a noção da inteligência, a razão lúcida, à capacidade de decisão. Às mulheres o coração, a sensibilidade, os sentimentos, restando-lhes o exercício de atividades ligadas aos núcleos de esfera privada, como a casa e a família. A ação das mulheres consistia, sobretudo, em ordenar o poder privado, familiar e materno a que eram destinadas.

As “inspirações patrióticas” que Joaquim Norberto revela nos poemas de Beatriz Brandão eram vistas com admiração pelo autor, porém tais aspectos podem ser considerados como exceção ao sexo feminino. Norberto assinala no trecho sobre o ímpeto de Beatriz Brandão em escrever: “(...) unida a uma tal ou qual *coragem bem estranha às pessoas de seu sexo*”. (SILVA, 1893, p. 63)

A literatura era claramente um espaço onde as mulheres não estavam inseridas. Assim, figurar nesse meio a colocava em situação distintiva. O autor também evidencia aspectos que mulheres letradas como Beatriz Brandão deveriam ter, qualidades como humildade e delicadeza, satisfatoriamente intrínsecas à personalidade feminina.

Ainda que destacasse o talento e o mérito de Beatriz Brandão, Joaquim Norberto pontuava que mesmo com tal grau de instrução e evolução do trabalho, a autora não poderia perder características próprias do seu sexo. O letramento feminino deveria ser ensinado junto com as instruções domésticas, afazeres próprios da mulher no período oitocentista, indicando que o espaço destinado à mulher era o privado. Norberto destaca na vida da poetisa o seu empenho no ensino de moças, que se pautava nessas duas funções:

Dedicou-se de dia e de noite e de alma e coração ao ensino da infância feminina, e abriu na sua cidade natal um colégio de meninas, que, além das lições de virtudes domésticas que colhiam de seus exemplos, essas se avantajaram em conhecimentos próprios para lhes formarem um conjunto de virtudes dignas de seu sexo. (SILVA 1893, p. 63)

A fala do autor era uma representação comum da sociedade em que estava inserido. Mesmo compreendendo que o talento nas letras não era destinado apenas aos homens, Norberto não desprezava, antes enfatizava, que os dotes domésticos deveriam ser o foco principal em suas vidas. As mulheres também possuíam o dom de escrever, porém a conduta destas deveria ser impecável, pois carregavam em si uma responsabilidade ainda maior. Assim, é relevante para o autor conferir um grande espaço aos acontecimentos de sua vida particular, que provavam uma conduta exemplar. Além de destacar uma característica que, para ele era muito importante, o patriotismo, o ideal de “honrar a letra pátria” e servir de exemplo para outras mulheres:

Pulsava no seu peito um coração patriótico, como em todos os peitos dos mineiros, e por isso a chama do suor da pátria resplandece em versos com toda pompa. Ardia no desejo de partilhar dos perigos da guerra e suas fadigas, servindo assim ao país e a liberdade nos seus versos resoa um grito alarmante, é o brado contra a tirania. (SILVA, 1893, p. 68-69)

O serviço à pátria era para Joaquim Norberto, a missão das mulheres com os dons literários. O autor reforçava esse aspecto também em outras biografias femininas contidas em *Brasileiras Célebres*. É possível destacar nos versos de Beatriz Brandão, o entusiasmo a pátria e o incentivo às outras mulheres:

Chorar... Oh não patrícias! Longe, longe de nós essa fraqueza.
A pátria exige impulsos de valor, não de ternura;

Exige nosso esforço, o nosso sangue. (SILVA, 1893, p. 69)

Beatriz Brandão fomentava uma atitude mais enérgica de suas compatriotas perante a nação. Uma forma de demonstrar que a postura feminina nem sempre seria dócil. O próprio ato de escrever já era considerado algo transgressor e uma atitude de contestação. Na vanguarda desse movimento, apesar das condições adversas da sociedade no período, que não fomentava o esforço literário de mulheres, Brandão conseguiu escrever e publicar suas obras. Além disso, lutou para fomentar a educação e garantir melhores condições para as mulheres. Buscava em seus versos uma representação mais igualitária das competências

Exige nosso esforço, o nosso sangue
Sangue, sim por que não? Não temos braços?
Não nos fez de igual molde o Autor Supremo
(SILVA, 1893, p. 69)

Mesmo diante de tais considerações, apresentadas nos versos supracitados, onde a poetisa apresenta o papel feminino em distinção daquilo que se era esperado, Joaquim Norberto irá atentar no resgate da biografia da autora a aproximação daquilo que era considerado ideal para a postura feminina, a combinação de “versos tão meigos como patrióticos”.⁴ Era necessário para o autor dentro das suas considerações, assim como anteriormente feito em *Brasileiras Célebres*, pontuar qualidades que fossem imprescindíveis às mulheres no contexto histórico do século XIX. Destacava os versos em que a autora apontava a sua humildade, engrandecia a pouca vaidade que tivera durante a vida, e por não ter deixado de aprender as “prendas necessárias às pessoas de seu sexo”. Isto é, além da educação literária, a poetisa tinha aprendido também os afazeres domésticos. Comprometido com um projeto biográfico, Joaquim Norberto imputava representações femininas para um perfil pedagógico de modelos a serem seguidos.

É necessário perceber que o contexto oitocentista brasileiro, marcado por eventos como a Independência e o nascimento do Estado nacional, fez surgir a emergência de delinear modelos historiográficos próprios para o Brasil. Este processo se construía através de instrumentos socioculturais, e assim, a historiografia nacional e literária adquire uma função primordial. Como aponta Ana Cristina Jardim (2009), a literatura e as construções míticas preenchem as lacunas da imaginação popular. Desta forma, as representações delineadas por Joaquim Norberto, acabavam por reforçar e definir certos padrões de projeção da mulher brasileira. “A brasileira deveria ser ainda corajosa, delicada, prendada, culta, sábia e dedicada

⁴SILVA, Joaquim Norberto de Souza. D. Beatriz de Assis. Mais algumas páginas para as brasileiras célebres. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t.55, p. 59-78, 1893. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1892t00552c.pdf>>. Acesso em: 14 ago 2018. p.70.

às artes como eram as mulheres dos países desenvolvidos. Educação e modos eram sempre bem-vindos” (SILVA, 1893, p.78) Para o letrado, Beatriz Brandão apresentava as características certas, frequentou as melhores sociedades, buscou sempre a amizade das senhoras brasileiras, que se distinguiam pelos seus talentos e escrevia com elegância.

Ainda que não possamos minimizar o reconhecimento e respeito de Joaquim Norberto pela trajetória intelectual de Beatriz Brandão, expresso na indicação da poetisa para admissão como membro do IHGB é possível perceber também que a escolha biográfica por Beatriz Brandão se caracteriza muito mais pelo fato de que, para ele, sua figura portava um valor normativo adequado, do que por explorar a condição feminina no contexto oitocentista, e a sua luta por uma melhor educação às moças. Assim, podemos entender o caráter intercalar da obra e das concepções do próprio autor, na medida em que reforça muitos valores do sistema vigente, mas igualmente manifesta o desejo de alçar a mulher em novos modelos de representação e de espaços letrados do próprio século XIX.

Se o destaque dado por Joaquim Norberto à trajetória de Beatriz Brandão visava um padrão que se apresentava satisfatório, podemos considerar, por outra vertente, a perspectiva de destaque da vida de Beatriz Brandão pela sua postura corajosa. Pois, como aponta, em sua tese de doutorado em Estudos Literários, Cláudia Gomes Pereira, Beatriz Brandão pode ser considerada uma “escritora do século XIX que rompeu com uma estrutura de subserviência e de conservadorismo político e religioso” (PEREIRA, 2009, p.78). Em o *Contestado Fruto: A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*, Pereira realiza um resgate biográfico, com a utilização diversificada de fontes que pôde preencher grandes lacunas da história da poetisa, dando o reconhecimento não só pelas suas obras, mas principalmente por sua qualidade de mulher letrada no Brasil oitocentista. Podemos assim, explorar recursos e condições para uma elaboração mais complexa da vida de Beatriz Brandão. Não se trata de balizar o trabalho de Cláudia Pereira com o estudo de Joaquim Norberto, mas sim, indicar as representações do lugar de fala do autor, considerando como obra típica de seu tempo, que não esconde seus propósitos.

Desta forma, nos é apresentada uma gama de complexidade da vida da poetisa, tanto em sua trajetória intelectual como pessoal. A trajetória de Beatriz Brandão demonstra tanto a força de seus versos, como as dificuldades do “ser mulher” em uma sociedade patriarcal, ainda que para uma integrante da elite.

Um ponto pertinente é a própria vida pessoal da poetisa. Por sua análise documental sobre Beatriz Brandão, Cláudia Pereira afirma que a mesma tenha vivido um mal fadado casamento. Pereira aponta ainda que por ser muito jovem, a poetisa não queria se casar, mas

foi obrigada a fazê-lo, desposando um “fidalgo amante da lavoura, dos cães e dos cavalos e, dadas as diferenças entre ambos, a união como era de prever, foi desgraçada” (PEREIRA, 2009, p.78). Ainda assim, Beatriz Brandão casou-se com pompa e circunstância, e mesmo após o enlace, não cedeu aos apelos da sociedade de devotar-se exclusivamente ao papel de esposa. Mais uma vez, ela contrariou os caminhos previsíveis: não teve filhos, continuou a ler e a escrever poemas, a atuar como regente do coral de moças da Igreja Matriz do Pilar e até mesmo fundou uma escola.

Nestes apontamentos, já podemos perceber aspectos de uma vida marcada por uma postura diferenciada da poetisa em relação às normas da sociedade. Porém, Beatriz Brandão vai adiante às perspectivas que foram impostas e pede o divórcio:

Francisco Sanches Brandão, pai de Beatriz, morreu em 29 de julho de 1811, e, logo após o casamento de Beatriz e Vicente, já se percebe, no documento de inventário de Francisco, o início da briga pelos bens herdados por Beatriz e seus irmãos.(...) Na página setenta do inventário de Francisco Sanches Brandão, lê-se parecer sobre um documento que, talvez, – além do adultério que já parecia confirmado no seio da sociedade – tenha sido o motivo principal de Beatriz pedir o divórcio, pois denuncia a ganância e a desonestidade do seu marido sobre sua herança. (PEREIRA, 2009, p.64).

Esses fatores, acusação de adultério por parte do marido e o interesse do mesmo por suas posses, fizeram com que em 10 de novembro de 1832, Beatriz Brandão apresentasse o libelo de divórcio contra o seu marido na igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, dizendo-se vítima de sevícias por ele praticadas.⁵ Daquele momento em diante, Beatriz Brandão foi depositada em poder de seu tio, capitão mor Antônio Eulálio Brandão. Em 19 de janeiro de 1839, após vinte e seis anos de casamento – dos quais sete a poetisa viveu sob a tutela de seu tio Antônio Eulálio – o vigário José da Cunha Melo concedeu o divórcio à escritora. Após o divórcio, Beatriz, então aos sessenta anos de idade, deixou Ouro Preto e partiu para o Rio de Janeiro, local onde viveu ainda por 19 anos.

Joaquim Norberto em sua biografia sobre a poetisa, não faz nenhuma referência ao mal fadado casamento de Beatriz Brandão, nem do seu divórcio, categoricamente um movimento impróprio à sociedade da época. Aliás, o autor ressalta o que acreditava ter sido a vida amorosa da poetisa, “pensava como filósofo e viveu sempre *celibatária*, sem que jamais se tivesse de falar de seu crédito” (SILVA, 1893, p. 74). Obviamente não podemos afirmar que o autor tenha deliberadamente mentido. Com a mudança da poetisa para o Rio de Janeiro,

⁵ O significado da palavra “sevícias” neste contexto é um sinônimo de difamação e adultério..

em idade já avançada, pode-se supor que o autor nem mesmo soubesse de toda a trajetória pessoal de Beatriz Brandão.

Ainda sim, esse era um ponto determinante e crucial para mulher cuja vida era digna de nota. Dentro do seu projeto de representações adequadas às mulheres brasileiras no projeto historiográfico do Brasil oitocentista, Joaquim Norberto exaltava o “papel de esposa e a fidelidade conjugal, caso contrário deveria optar por se casar só com Cristo”. (HOLLANDA, 1990, p.2) Foi evidenciado pelo autor na biografia de Beatriz Brandão, então, o celibato.

O reconhecimento da mulher apenas pelo seu trabalho e por seu mérito profissional não era possível para época, assim deveria se evidenciar e deixar registrado na obra biográfica o exemplo do que era feminino por destino e vocação: o espaço do lar e a função materna. Ainda que, personagens como Beatriz Brandão, não se enquadrassem nesses padrões da vida pessoal.

A responsabilidade cívica na formação do Estado-nação de expandir a liberdade dos sujeitos foi de importância crucial na redefinição dos espaços públicos e privados, e geraram um novo conjunto de compromissos com a natureza feminina e com a domesticidade natural. Ainda que o prestígio da universalidade da razão levasse a um fatal apoio à emancipação feminina, os papéis sexuais eram definidos na base de hierarquias “percebidas” no mundo natural. Valia-se então, de noções normatizadoras, pautadas em modelos para constituição do núcleo familiar. “A mulher moderna deve ser educada, culta e capaz, para honrar seu principal compromisso, ou seja, a potencialização de seu papel de mãe, agora revestido de sentido político e patriótico.” (HOLLANDA, 1990, p.1)

Importante ressaltar, que embora tenha uma trajetória marcada, sobretudo, pela resistência em traçar seu próprio destino, o caminho percorrido pela poetisa, até a proposta que a sugeriu ao ápice do seu reconhecimento—quadro de sócios do IHGB—, estava relacionado à sua condição social. Pois, ela pertencia à uma elite intelectualizada, onde mantinha uma relação muito próxima com a família Real. Em seus trabalhos também dificilmente seria encontrada alguma mensagem questionadora a uma elite política dirigente e ao sistema patriarcal, além de reforçar, como já pontuamos, os sentimentos patrióticos.

Tal panorama é apontado por Claudia Pereira ao descrever a sua mudança de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto, capital da província de Minas Gerais, para o Rio de Janeiro:

Acompanhando-a, provavelmente, pesados vestidos, montaria, seus versos manuscritos e a certeza de deixar para trás a sua terra, a sua gente e sessenta anos de uma existência repleta de êxitos conquistados por méritos próprios, mas resultantes também do fato de ela integrar uma família rica e bem relacionada, em uma cidade

pequena, onde o sobrenome Brandão já assegurava certa tranquilidade. (PEREIRA, 2009, p.78).

A mudança ainda que tardia, foi movida por uma mesma força e um mesmo idealismo, que a consagrou já no espaço da Corte a ser destaque em uma sociedade em que o reconhecimento intelectual as mulheres era de fato um acontecimento histórico.

Consideração final

Por este percurso, vimos o comprometimento do projeto nacionalista com a missão formadora da literatura e com a excelência moral. Nessa perspectiva, estavam disponíveis às mulheres pouco ou nenhum espaço público intelectual, pois as designavam habitualmente a tarefa de dedicar-se ao lar e à família, e apenas lampejos de inspirações patrióticas. Porém, algumas poucas figuras femininas, principalmente da elite, romperam com esse padrão e aventuraram-se em desempenhar o que parecia ser sua vocação: a educação e a escrita. A poetisa Beatriz Brandão foi uma delas. Sua trajetória foi alvo de admiração e incentivo, mas também, reafirmava um modelo disciplinador a ser seguido.

Desta forma, através da análise da biografia da poetisa é possível destacar um movimento intercalar nos versos de Joaquim Norberto seu biógrafo, na medida em que reforça muitos valores do sistema vigente, mas igualmente apresenta e destaca as qualidades e méritos de mulheres, que até então estavam silenciadas.

Assim, apontados o contexto histórico, com suas exigências políticas e culturais, compreendemos melhor valores e marcas de um tempo. Um movimento duplo. Da representação de um autor incumbido da responsabilidade de intelectual, indo além das construções do seu contexto social e da trajetória de muitos letrados, garantindo espaço na história às representantes femininas importantes, contudo imbuído de reafirmar a postura disciplinada e materna feminina perante a sociedade elitista do século XIX.

Bibliografia

AZEVEDO, Silvia Maria. Joaquim Norberto de Sousa Silva: poeta, dramaturgo e romancista. *Boletim Brasileira*, São Paulo, p. 1-4. Disponível em: < <http://www.bbm.usp.br/node/106> > Acesso em: 30 set de 2015.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Letras, Armas e Virtudes. São Paulo, *Anais do Encontro da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística-ANPOLL*, 1990, São Paulo, p.1-11. Disponível em: <

<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/letras-armas-e-virtudes/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

JARDIM, Ana Cristina. De “Marília de Dirceu” ao “Romanceiro da Inconfidência” a construção de um mito na sociedade brasileira a partir do século XVIII. In: *Programa Nacional de Apoio à Pesquisa- Fundação Biblioteca Nacional*, 2009. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/ana_cristina_jardim.pdf>. Acesso em: 21 jun 2019.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. "Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade: biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista", *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 43, p. 283-298, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n43/v26n43a15.pdf>>. Acesso em 02 set. 2019.

PEREIRA, Claudia Gomes Dias da Costa. *Contestado Fruto: A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)*. 2009. 518 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP7YMPDA>>. Acesso em: 04 jun 2010.

SENNA, Janaína. Um capítulo à parte: Joaquim Norberto e a escrita da história da literatura brasileira. *Revista Escritos*. v.2, n.2, p. 397-414, 2008. Disponível em: <http://www.casarui Barbosa.gov.br/escritos/numero02/FCRB_Escritos_2_18_Janaina_Senna.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. D. Beatriz de Assis. Mais algumas páginas para as brasileiras célebres. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t.55, p. 59-78, 1893. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1892t00552c.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2019,

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Brasileiras Célebres*. Brasília: Senado Federal, 1997, 233p. / fac-símile de: Rio de Janeiro: Garnier, 1862. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/>> Acesso em: 14 ago 2019.

VASCONCELLOS, Eliane. Nem só de Drummond e Guimarães Rosa vive a literatura mineira. Disponível em: <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/5elianevasconcellosbh.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2013.